

Poema de Luiz Waldvogel

Canto da Miséria Alheia

Dezembro, 1946.

Vi ontem a miséria bem de perto ...
Em um casebre sórdido e sombrio
vegeta uma viúva que é mais pobre
do que um partido cântaro vazio ...
Em reboição, um a escadinha de crianças;
não sei ao certo quantas:
O maior, uns quinze anos doentios;
o menor, trinta dias incompletos.
Sem amigos, sem afetos,
macilentos, maltrapilhos,
vai a mãe e vão os filhos ...

Vi ontem a miséria bem de perto ...
Ao voltar para os meus era noite fechada
e meia hora depois me achava à mesa.
Mesa de pobre, é verdade:
Mas, havia pão, frutas e manteiga ...
— Teria visto já manteiga, um dia,
a mesa da viúva — já teria?!

Sentei-me junto ao rádio
— rádio de pobre, é verdade;
não apanha as arengas sensaboras
dos que do Velho Mundo são senhores;
(talvez seja melhor assim);
mas é um rádio, enfim.
— As viúvas pobres, muito pobres,
teriam porventura um rústico banquinho
para o seu rádio — as viúvas pobres?

Oração feita, levei para a cama
o meu feixe de músculos e nervos.

Cama de pobre, é verdade ...
Mas espichei-me à vontade
na vastidão branca e macia ...
— Os filhinhos, ai! os filhos anquilosados
da viúva, lá estão amontoados
num catre duro, em noite fria ...
Poderão estender livremente as perninhas
tiritantes, descarnadas?

Vi ontem a miséria bem de perto ...
Ah, poder transformar em jardim o deserto!
dar pão abundante às crianças esfaimadas,
o corpo lhes cobrir nas frias madrugadas! ...

Fonte:

Revista Adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1946.